



Olha as estrelas a despontar...

Nesta história emocionante, uma menina escuta como, há muito tempo atrás, uma outra menina ruiva — a sua bisavó — chegou ao outro lado do oceano com o seu irmão mais velho para se reunirem aos pais imigrantes, numa terra estranha chamada América.

A avó contou-me que, quando a sua mãe era criança, tinha o cabelo ruivo — tal como eu. E assim como eu, também a minha bisavó adorava ir para a cama cedo, olhando as estrelas a despontar...

Todas as sextas feiras à noite, depois de arrumada a louça, a minha bisavó vinha ao quarto da minha avó e contava-lhe uma história especial, que começava assim:

Quando era criança, eu e o meu irmão mais velho fomos num grande barco até à América. Os meus pais e a minha irmã esperavam-nos lá.

A minha tia, irmã da minha mãe, levou-nos aos dois ao barco. Os meus irmãos mais novos não nos acompanhavam porque eram demasiado pequenos. Iriam os dois mais tarde quando fossem maiores.





A minha tia deu-nos uma lata de fruta de conserva e pediu a uma senhora idosa que tomasse conta de nós. E ela assim fez, partilhando também connosco a comida. A dado momento, eu, o meu irmão e a senhora fomos para o quarto. Enquanto carregávamos as

trouxas, tentei contar os degraus, mas eram tantos que acabei por lhes perder a conta.

Por vezes, o barco balouçava — e era divertido — mas algumas pessoas enjoavam. A senhora acabou por adoecer gravemente e morreu. Mas o meu irmão disse-me que não me preocupasse: tomaria conta de mim. Tinha apenas dez anos.

À noite, quando nos deitávamos, eu não conseguia ver as estrelas no céu,



o que me deixava muito triste. E todas as manhãs, quando nos levantávamos, o meu irmão fazia uma marca numa cana que tinha. Contei-as — foram vinte e três. Na última manhã avistamos duas ilhas, bem próximas uma da outra. Numa delas havia uma estátua — uma senhora com uma coroa. Todos os viajantes ficaram entusiasmados e acenaram. E eu também acenei.

Quando o barco atracou, carregámos as nossas trouxas até à plataforma. E eu comecei a chorar. Não via os meus pais nem a minha irmã. Mas um marinheiro disse-me para não me preocupar — muito em breve vê-los-ia. Viajámos noutra barco rumo a outra ilha. Levámos as nossas trouxas para uma sala enorme. Depois, fomos para uma sala pequena destinada às crianças que viajavam sem os pais.



Uma senhora olhou-me de cima a baixo. Fiquei intrigada. Esperei pelo meu irmão. E ela também olhou para ele. No dia seguinte viajamos num



ferry. A terra ia ficando cada vez mais próxima. Todos acenavam e nós também acenávamos. E ali estavam eles, os meus pais e irmã! Fomos de elétrico para casa. A nossa mãe dizia

que era um palácio. E o palácio ficava num último andar. Contei os degraus enquanto subíamos — cinquenta e dois!

O quarto dos nossos pais ficava no meio, o nosso ficava na parte da frente; nas traseiras havia uma cozinha com um grande fogão preto.

A minha mãe aqueceu água numa grande panela. Deitou alguma no lava-louça e ajudou-me a subir para me lavar. Depois, lavou-me o cabelo e escovou-o quando ficou seco. Senti-me tão bem!



A minha irmã deu-nos bolachas e chá. Mas eu estava muito cansada. Dei um beijo de boas noites à minha mãe e à minha irmã. O meu pai fez-me uma carícia na cabeça e disse que eu era a sua princesinha!

Fui para o nosso quarto e saltei para a cama da minha irmã, que ficava junto da janela. Fiquei a ver as estrelas a despontar. Uma, duas, três.

è è è

Esta sexta-feira à noite irei para a cama cedo para ver as estrelas a surgirem no céu. Espero que a avó venha ao meu quarto e me conte outra



história especial!

Riki Levinson
Watch the stars come out
New York, Puffin Books, 1995
(Tradução e adaptação)